

“Não somos contra os bois estilizados”: tensões e conflitos entre Estado e artistas populares

Wesley Fontenele

Universidade do Estado do Rio de Janeiro (Rio de Janeiro)



Figura 1 - Apresentação do boi *Novo Fazendinha* no *São João da Parnaíba*. Fonte: Arquivo do grupo Novo Fazendinha.

DOI: <http://dx.doi.org/10.5965/2595034702222020055>

Resumo: Benjamim Santos (2019) aborda a relação dos grupos de bumba-meu-boi de Parnaíba (Piauí) com o poder público. A partir de entrevistas e de trabalho de campo na cidade (janeiro e abril de 2017), comento a mudança radical no formato do *XVII São João da Parnaíba* (2017), principal festa popular do município. Insatisfeitos com a modificação arbitrária pela Prefeitura, vários grupos de bumba-meu-boi não participaram do evento. Partindo do caso e de itens do regulamento da festa, foi possível perceber que a relação entre Estado e grupos de boi pode se dar de forma autoritária ou aberta aos anseios dos artistas.

Palavras-chave: Bumba-meu-boi; Teatro de Animação; *São João da Parnaíba*; Estado; *Novo Fazendinha*

wAbstract: Benjamim Santos (2019) comments the relationship between the bumba-meu-boi groups with the public authorities in Parnaíba (Piauí). From interviews and fieldwork in the city (january and april/2017), I comment the radical change in the format of the *XVII São João da Parnaíba* (2017), the main popular festival in the city. Dissatisfied with the arbitrary modification, several groups of bumba-meu-boi did not participate in the event. Starting from the case and items from the event regulation, it was possible to realize that the relationship between the State and the groups can take place in an authoritarian or open way to the artists' desires.

Keywords: *Bumba-meu-boi*; Puppet Theater; *São João da Parnaíba*; State; *Novo Fazendinha*

O bumba-meu-boi no São João da Parnaíba

O bumba-meu-boi é manifestação popular brasileira. Conta com personagens humanos e animais, que cantam, dançam e interpretam histórias, carregadas de comicidade e caráter improvisacional. A mais conhecida é identificada como auto do boi, o qual morre e ressuscita. A personagem Catirina, companheira de Pai Francisco, está grávida e deseja comer a língua do boi preferido do patrão de seu marido. Ele cede aos desejos da amada, rouba e mata o animal. Adiante, vários personagens como médicos, curandeiros e índios, adentram a trama na tentativa de revivê-lo. No Piauí, os grupos frequentemente representam a história nas apresentações que ocorrem nos arraiais juninos. Muitos artistas piauienses consideram que sua representação é algo fundamental.

Dependendo do estado, o bumba-meu-boi está associado às festas natalinas e/ou juninas. Possui mistura de elementos religiosos e profanos, como muitas de nossas manifestações populares. As referências mais antigas ao bumba-meu-boi localizadas são de jornais do século XIX do Maranhão e de Pernambuco: pequena nota no jornal *Farol Maranhense*, de 7 de julho de 1829; e *A estultice do bumba-meu-boi*, publicada pelo padre pernambucano Lopes da Gama em *O Carapuceiro*, em 1840. Autores como Pedrazani (2010) e Santos (2019) sugerem que a manifestação teria elementos oriundos do Brasil Colônia. O bumba-meu-boi apresenta variação entre os estados. Mesmo no Piauí, grupos de diferentes cidades apresentam particularidades. O exemplo mais conhecido de variação são os distintos “sotaques” do boi maranhense. É registrado como Patrimônio Cultural Imaterial pelo IPHAN¹ e Patrimônio Cultural Imaterial da Humanidade pela UNESCO².

Meus comentários dizem respeito à relação conflituosa entre artistas do bumba-meu-boi de Parnaíba (Piauí) e a administração da cultura do município. No estado, a manifestação está ligada às

1 Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional.

2 Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e a Cultura.

festas juninas e a grandes concursos de bois, que ocorrem organizados pelo poder público. Parnaíba fica ao norte do Piauí, no litoral, a aproximadamente 330 quilômetros da capital Teresina. Possui 150.547 habitantes³ e é a segunda maior cidade do estado. Tem aproximadamente treze grupos de bumba-meu-boi adultos, alguns juvenis e diversas quadrilhas juninas.

O *São João da Parnaíba* já teve dezenove edições, é a maior festa popular da cidade e conta com concursos de bois, quadrilhas, shows de bandas de forró e vendas de comidas/bebidas ao redor da praça em que acontece. Neste artigo, comento que a partir da mudança da gestão municipal, em 2016, ocorreram no ano seguinte modificações no formato do *XVII São João da Parnaíba* que provocaram insatisfação. Tais alterações foram realizadas pelo poder público de modo unilateral e apenas comunicadas aos artistas populares. Vários grupos decidiram boicotar e não participar da festa junina daquele ano. Em maio de 2017, a Prefeitura lançou nota referindo-se a alguns grupos como “bois estilizados” e dizendo que, hoje em dia, não mais vimos os bois brincando “como antes”. Investigo quais seriam as características que definiriam um grupo de bumba-meu-boi como *estilizado*, de modo ao poder público realizar mudança radical do formato de uma festa. Analiso a ação da gestão cultural, suas reverberações e o *Regulamento do Concurso de Bois*, de modo a evidenciar: (1) as tensões e conflitos entre Estado e artistas do bumba-meu-boi de Parnaíba, Piauí; (2) as interferências do poder público na atividade dos artistas populares.

Tácito Borralho em *Os elementos animados no bumba-meu-boi do Maranhão* (2006) relaciona bumba-meu-boi e teatro de animação. Além disso, aponta características que aproximariam o boi a outros momentos teatrais, como a *commedia dell'arte*, pela presença em ambos tanto de personagens com máscaras, quanto de narrativa improvisada. Borralho vê ainda traços que associariam o bumba-meu-boi “ao teatro medieval cristão, aos milagres e mo-

3 Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 2016.

ralidades, onde se permite o uso de bonecos e máscaras” (2006, p. 160). Levando em conta as distâncias contextuais e históricas, é importante notar que o autor destaca a mesma característica do bumba-meu-boi (existência de máscaras) para associá-lo à *commedia dell'arte* e ao teatro medieval.

Borrvalho pergunta se o bumba-meu-boi pode ser associado a diferentes gêneros teatrais contemporâneos e aos aspectos que o constituem (a musicalidade, as narrativas, a presença de atores e de atores-manipuladores): “Então, o bumba-meu-boi no Maranhão é um folguedo que pode ser compartilhado como teatro popular, ou teatro musical, ou teatro dramático, ou teatro de bonecos, ou teatro de atores e bonecos, ou simplesmente, espetáculo teatral?” (Ibid., p. 165). Adiante, defende que é passível de ser analisado por categorias do teatro de animação, pois “os elementos animados existentes no folguedo são de uma força tão grande, e manipulados de forma tão magistral, que nos cabe registrar suas estruturas, contornos e seus modos de manipulação” (Ibid., p. 173).

Borrvalho registra como os principais personagens do bumba-meu-boi maranhense são fabricados, como e por quem são manipulados, mobilizando em sua abordagem termos do teatro de animação. A “construção” do personagem boi, por exemplo, é feita por “armação (carcaça, capoeira ou chassis) de varetas finas flexíveis com talas de buriti, forrado com tecido de estopa, recoberto (corpo e cara) de veludo preto rebordado de lantejoulas, canutilhos, miçanga e pedrarias” (Ibid., p. 174). O “manipulador” é chamado de “miolo” ou “espírito” e a “forma de manipulação” é “bailado que integra animador e objeto de uma forma que se torna possível observar uma partitura de gestos que se repete de forma harmonicamente ampliada” (Ibid.). Concordando com Borrvalho, acredito que o bumba-meu-boi apresenta características quanto aos personagens e modos de manipulação que possibilitam sua identificação como gênero animado. Ainda que o autor analise a manifestação no contexto maranhense, acredito que seus comentários podem ser estendidos ao boi do Piauí. O Maranhão é frequentemente mencionado pelos

artistas populares piauienses, pois consideram que lá a manifestação é mais valorizada pela sociedade e incentivada pelo poder público. Além disso, o boi do Maranhão já foi objeto de diversas pesquisas com enfoque especialmente antropológico e artístico. Poucos estudos foram desenvolvidos sobre a manifestação no Piauí. Assim, em vários momentos farei menção a pesquisas acadêmicas sobre o boi do Maranhão para falar do contexto piauiense. Em Fontenele (2020), descrevo especificamente a atividade, organização, processo de ensaios e questões artísticas dos grupos de bumba-meu-boi de Parnaíba.

Lady Selma Ferreira Albernaz em *Estéticas e disputas em torno do bumba-meu-boi* (2010) comenta que nos anos 1970 e 1980 aconteceu em São Luís do Maranhão a criação de arraiais juninos em que o bumba-meu-boi era uma das principais atrações. Nesse período, as lideranças dos grupos recebiam patrocínio estatal, mas mantinham autonomia para preparar as apresentações, “seja o tipo de programação, seja o tipo de espaço para a sua realização” (2010, p. 81). No fim da década de 1990, as apresentações juninas teriam passado a ser organizados pelos órgãos estatais de cultura, com o poder público responsável por definir a programação, as atrações e a distribuição dos grupos de boi pela cidade, “considerando uma classificação dos bairros em periféricos, centrais e de classe média (turistas e classe média se concentram nos arraiais da cidade)” (2010, p. 81).

Pedrazani (2010) em *No “miolo” da festa: um estudo sobre o bumba-meu-boi do Piauí* comenta a relação dos artistas com as instituições de cultura do estado, com foco nos grupos de Teresina. A autora mostra como os bois da capital incorporaram novas técnicas artísticas após a realização de cursos ofertados por instituições como a Fundação Cultural do Piauí – FUNDAC⁴ e a Fundação Cultural Monsenhor Chaves – FCMC, vinculada à Prefeitura de Teresina.

⁴ A FUNDAC foi substituída pela atual Secretaria Estadual de Cultura – SECULT por meio da lei estadual nº 6.673, de junho de 2015.

Profissionais especializados ensinaram a membros de grupos de bumba-meu-boi técnicas de criação com novos materiais, lecionaram danças contemporâneas e confecção de objetos. Assim, os artistas teriam passado a trabalhar com outros métodos, “trazendo-os para dentro da produção da festa, ao mesmo tempo que os reelaboram e dão a eles novos sentidos” (2010, p. 119).

Ainda de acordo com Pedrazani (2010), é relativamente recente o interesse do estado, por meio de suas instituições e agentes, no bumba-meu-boi. A autora defende que o Governo do Estado realizou avanços em ações ligadas à cultura popular nas últimas décadas (Ibid., p. 173). No entanto, tais iniciativas ficam ainda muito restritas à capital Teresina. O *São João da Parnaíba* é produzido, anualmente, pela Prefeitura de Parnaíba. Os grupos de bumba-meu-boi encontram na premiação do *Concurso de Bois* praticamente a única forma de arcar com as dívidas contraídas com a compra de tecidos, calçados, acessórios, pagamento de transporte, costureiras, artesãos, e muitos outros serviços necessários para o preparo da apresentação.

Há dezenove anos acontece o *São João da Parnaíba* e desde 2007 o evento ocorre na *Praça Mandu Ladino*, arena conhecida como *quadrilhódromo* e construída com a finalidade de receber os grupos de bumba-meu-boi e quadrilhas juninas. Sou parnaibano, mas moro atualmente no Rio de Janeiro. Residi até 2012 em Parnaíba e costumava ir ao *quadrilhódromo* para assistir às apresentações dos grupos de bumba-meu-boi e às quadrilhas. Ainda hoje quando retorno ao Piauí costumo ir ao *quadrilhódromo*, que além de receber as apresentações juninas é um dos principais espaços de sociabilidade do município, muito frequentado por jovens, casais, skatistas e ciclistas. Nele, os grupos de boi de Parnaíba se apresentam anualmente e mostram o resultado de sua rotina de ensaios. Segundo Perinotto e Sousa (2015), em 2014, cem mil pessoas estiveram presentes no São João da Parnaíba, somando todos os dias de festa. As tentativas de quantificar o número de pessoas que vão ao evento são imprecisas. Há estimativas da Prefeitura de Parnaíba a partir

de dados da Polícia Militar que entre trinta e quarenta mil pessoas compareceram ao *quadrilhódromo* a cada dia. Já Benjamim Santos (2017), no artigo *O tempo e os bois*, escreve que cinco mil pessoas compareceriam durante os dias de semana e dez no fim-de-semana.



Figura 2 - Praça Mandu Ladino (*quadrilhódromo*) em Parnaíba.
Fonte: Prefeitura de Parnaíba.

Até 2016, o *São João da Parnaíba* acontecia no *quadrilhódromo* com intensa programação ao longo de, em média, cinco dias. E contava com: shows musicais, venda de comidas e bebidas, quadrilhas juninas adultas, quadrilhas juninas mirins, grupos de bumba-meu-boi adultos e grupos de bumba-meu-boi mirins. Em 2016, apresentaram-se também a *Banda Municipal Simplício Dias da Silva*, quadrilhas de escolas municipais, a *Orquestra Sinfônica do Piauí* com o show *Cantata Gonzaguiana*, o humorista piauiense João Claudio Moreno, o *Boizinho Araçá*, de Tutoia, Maranhão, e os artistas/bandas *Gibão de Couro*, *Forró Relembrar*, *Bonde do Brasil*, sanfoneiros mirins Cristian e Sebastian, *Forró Pegado*, *Forró Chama Elas*, *Forró Camila Portela* e *Xote de Primeira*.

Em 2016, a Prefeitura de Parnaíba definiu no artigo 4 do *Regulamento do Concurso de Bumba-meu-boi* (2016): “Somente poderão competir no concurso local, os Bois que tiverem seus responsáveis e brincantes residentes no Município de Parnaíba” (PARNAÍBA,

2016, p. 1). Sete grupos da cidade se apresentaram na categoria adulto: *Estrela Cadente*, *Novo Lírio*, *Brilho da Ilha*, *Novo Prateado*, *Rei da Boiada*, *Flor do Lírio* e *Novo Fazendinha*. Cinco grupos se inscreveram na categoria mirim: *Precioso*, *Novo Caprichoso*, *Garantido*, *Estrela Cadente* e *Estrela Mandacaru*.

Mudanças no São João da Parnaíba: tensões entre poder público e artistas populares

Com a mudança da gestão municipal e do setor administrativo da cultura de Parnaíba, deliberou-se, unilateralmente, que a programação do *São João da Parnaíba* seria em 2017 distribuída por diversos bairros da cidade. Assim, o concurso de quadrilhas e bois do *quadrilhódromo* não seria mais a atividade principal do festival, o que gerou insatisfação nos participantes dos grupos. Houve ainda mudanças no valor e na quantidade de premiações pagas.

Em comparação a 2016, em 2017 diminuíram os recursos para o concurso de bumba-meu-boi adulto e mirim. Passaram de R\$ 85.500 para R\$ 55.000. Redução de quase quarenta por cento. Caiu também o número de grupos premiados nas duas categorias. Foi de cinco para apenas três e com diminuição dos valores pagos a cada boi vencedor. Na categoria adulto, em 2016, os grupos vencedores receberiam as seguintes quantias: 1º lugar (vinte mil reais), 2º (dezesseis), 3º (quatorze), 4º (onze) e 5º lugar (oito). Na mesma categoria, em 2017, a premiação passou a ser distribuída da seguinte forma: 1º lugar (vinte mil reais), 2º (quinze) e 3º (sete). O único valor que permaneceu o mesmo foi o do primeiro colocado. Santos (2017) comenta que “preparar um batalhão de Boi, um Boi que possa disputar o Primeiro Lugar no Campeonato do Arraial não sai por menos de vinte mil reais. Isto: vinte mil reais, o valor do Prêmio para o Campeão até ano passado” (2017, p. 6).

Com a diminuição do número e do valor das premiações, caiu a quantidade de grupos que se inscrevem no São João da Parnaíba. Alguns bois paralisaram suas atividades. O recurso do concurso

era e é primordial para arcar com as despesas com a apresentação. Os efeitos da iniciativa da gestão municipal não se restringiram a 2017. Até certo ponto, permaneceram nas edições de 2018 e 2019.

Apenas não boicotaram o *XVII São João da Parnaíba* os grupos *Brilho da Ilha*, *Estrela Cadente*, *Novo Prateado* e *Novo Lírio*. A Prefeitura previu a atitude dos bois e modificou o artigo 4 do *Regulamento do Concurso de Bumba-meu-boi*, mencionado anteriormente. Passou a permitir que grupos de fora da cidade participassem do *São João da Parnaíba*: “Poderão competir no concurso local os Bois que tiverem seus responsáveis residentes no Município de Parnaíba e cidades vizinhas” (PARNAÍBA, 2017, p. 1). Assim, três grupos de Tutóia, Maranhão, se inscreveram no concurso: *Boi Araçu*, *Boi Precioso*, e *Brilho da Ilha*, homônimo do grupo parnaibano. O *Brilho da Ilha de Parnaíba* foi o campeão do *XVII São João da Parnaíba*, em 2017.

Santos (2017) lamentou que grupos importantes da cidade não tenham participado da festa, pois pela “primeira vez, desde 2001, os mais conhecidos Bois da Parnaíba não ensaiaram para brincar em junho, não preparam fardamentos novos, nem toadas, e não brincam nesta temporada” (2017, p. 6). Os bois a que se refere são aqueles situados nos bairros considerados importantes celeiros de bumba-meu-boi em Parnaíba: São José, Catanduvás e Ilha Grande de Santa Izabel. Em 2017, portanto, não vimos brilhar e ocupar com seus brincantes o *quadrilhódromo* os grupos *Flor do Lírio*, *Rei da Boiada* e *Novo Fazendinha*. “Com esta decisão, não temos ronco de Boi, nem toque de tambor, nos três bairros que são os celeiros de Boi da Parnaíba” (Ibid.). Dos três, o único que segue sem participar da competição é o *Novo Fazendinha*.

Criado em 2004, o *Novo Fazendinha* é formado por família de cinco irmãos, conhecidos na Ilha pelo apelido Pirão. João, Honório, Cristóvão, Paulo e Acrisio vivem em cinco casas simples e vizinhas na Rua Evangelina Rosa, na Fazendinha. Acrisio tem 50 anos e é o presidente do grupo. Praticamente toda a família participa das decisões e da rotina de criação do *Novo Fazendinha* em diferentes funções: recortam, pintam, desenham, cantam, dançam, criam os

figurinos. A sede do grupo fica nos fundos de suas casas. Além dos ensaios, é utilizada para shows musicais, especialmente de bandas de forró, e para a apresentação da morte do boi, evento dissociado do São João da Parnaíba. Segundo Acrisio, o *Novo Fazendinha* é um dos únicos bois da cidade que possui sede própria.

João Rodrigues (2017) é um dos brincantes mais antigos de bumba-meu-boi da cidade. Aconselhou anteriormente que seus familiares parassem de se apresentar com o *Novo Fazendinha*. O ex-amor⁵ do grupo alegou a dificuldade em conseguir financiamento público ou privado. Ele disse que quando algum membro mencionava paralisar as atividades ouvia pedidos para manter o boi ativo: “Até disse pra eles: ‘Rapaz, tá na hora de abandonar’. No ano passado [em 2016] falaram em deixar e disseram lá [no setor de cultura] pra eles: ‘Não, o *Fazendinha* não pode deixar de brincar!’ Não pode deixar? Mas vocês não ajudam, meu amigo!” (RODRIGUES, 2017). Em 2017, os organizadores do grupo entenderam que o novo formato proposto pela gestão municipal tornaria o trabalho ainda mais difícil. Seria necessário deslocar os brincantes para outros bairros da cidade e não estava claro como se daria o transporte. Percebi que os artistas valorizam poder se apresentar em espaço específico para esse fim: o *quadrilhódromo*. A arena, como muitas vezes se referem, está atualmente relacionada à forma dos grupos de pensar e realizar a brincadeira.

A decisão do *Novo Fazendinha* de boicotar o *São João da Parnaíba* não foi tomada de forma rápida. Realizei trabalho de campo na cidade nos meses de janeiro e abril de 2017, visitando os artistas populares, suas sedes, ouvindo e conversando bastante. Em muitas dessas conversas com integrantes do grupo, estes estavam em dúvida sobre qual rumo tomar. Viajei do Rio de Janeiro para Parnaíba com a intenção de acompanhar as primeiras semanas de ensaio do *Novo Fazendinha*. O primeiro encontro aconteceria dia 16 de

5 O amor é um cantor e mestre de cerimônias do bumba-meu-boi, espécie de chefe da brincadeira.

julho de 2017 e foi cancelado um dia antes com a informação de que naquele ano não haveria apresentação do grupo. Dias depois, fui informado de que tinham voltado atrás e decidido realizar um primeiro ensaio em 22 de abril. No entanto, aconteceu novo cancelamento, dessa vez em definitivo, pois “não houve acerto de valores e formato do Arraial entre prefeitura e Sociedade de Bois da Parnaíba. Dai que os Bois de maior envergadura não ensaiaram para brincar” (SANTOS, 2017, p. 6).

Lucia Aguiar⁶ é presidente do *Brilho da Ilha*, grupo “contrário” do *Novo Fazendinha*, que é categoria dos artistas populares para se referir ao boi rival, muitas vezes localizado no mesmo bairro. Ambos estão situados na Ilha Grande de Santa Izabel e na mesma rua: a Rua Evangelina Rosa. A presidente me contou que ficou em dúvida sobre participar, ou não, do São João da Parnaíba. Mesmo com os ensaios já acontecendo, Aguiar (2017) mencionou pensar em desistir da apresentação por enfrentar dificuldades financeiras.

Transcrevo a *Nota de esclarecimento*, de maio de 2017, da Superintendência de Cultura, que busca justificar a mudança radical no formato do *XVII São João da Parnaíba*:

No entanto, o edital que preparamos e levamos à Prefeitura, no dia 24 de abril, para ser publicado no Diário Oficial, cujo concurso seguia exatamente os mesmos moldes do São João dos anos anteriores, foi recusado pelo Prefeito Mão Santa. Porque, segundo ele, esse formato de concurso (vejam bem, o FORMATO, não o concurso) acabou com o São João da Parnaíba. Qual foi a última vez em que você viu uma quadrilha ou um boi se apresentando nas ruas, na porta das casas, como era tão comum antes? (...) Não somos contra as quadrilhas e bois *estilizados*. Ao contrário. Entendemos a evolução

⁶ Lucia Aguiar é a única mulher presidente de grupo de bumba-meu-boi da cidade. De acordo com o Mapa Cultural de Parnaíba, o *Brilho da Ilha* foi fundado em 2010. O grupo se apresenta todos os anos no *Concurso de Bois* do *São João da Parnaíba*. A presidente mantém parcerias com grupos de cidades maranhenses, o que possibilita que artistas do *Brilho da Ilha* se apresentem em municípios do estado vizinho. Ela relatou enfrentar dificuldades por ser mulher e chefiar o grupo. Os dirigentes de outros bois teriam desconfiança quanto ao seu trabalho e questionariam até como ela consegue financiar o grupo. Lucia Aguiar contou que realiza vários trabalhos informais para manter o *Brilho da Ilha* (faxinas, por exemplo).

das coisas. Entendemos que a profissionalização do artista e dos grupos culturais é louvável, é necessária. E nós estimulamos isso, afinal, um grupo organizado, com CNPJ, pode ter um projeto aprovado nos grandes editais nacionais. No entanto, queremos abrir espaço para os grupos menores, tradicionais, que não se enquadram na categoria dita “estilizada”, que é linda e emocionante, claro, mas entendemos também que evoluir não significa necessariamente abandonar as raízes. Por isso queremos fazer uma retomada à festa junina tradicional, na rua, que se reflete no tema que escolhemos pro XVII São João da Parnaíba, que é o cordel. Essa temática vai permear o conceito, a decoração, as peças gráficas e tudo o mais que for possível do evento. É essa ideia de retomada é a que temos desde o início do planejamento, de fazer como no Carnaval, quando toda a cidade foi contemplada com eventos nas ruas (...). E eu pergunto de novo, qual foi a última vez em que você viu uma quadrilha ou um boi se apresentando nas ruas, na porta das casas, como era tão comum antes? (Fonte: Prefeitura de Parnaíba. Acesso em 25 de junho de 2017).

A justificativa leva a questionamentos e inquietações. Quais mudanças incomodam um tradicionalismo institucionalizado que deseja a “retomada” do formato de uma festa popular? O argumento básico utilizado é que o bumba-meu-boi deveria voltar a ser tradicional “como era antes”.

O *São João da Parnaíba* ganhou uma grande arena para receber as apresentações de bumba-meu-boi. Os presidentes dos grupos voltaram sua atenção para outros contextos festivos, como o carnaval carioca e os bois de Parintins. Novos temas passaram a ser encenados todos os anos, em lógica quase carnavalesca, como homenagens a Ayrton Senna, a Roberto Carlos. Mulheres adentraram o universo do bumba-meu-boi, antes ocupado praticamente apenas por homens.

Essas são as principais modificações promovidas pelos artistas do boi de Parnaíba. Abrão (2010) comenta que em boa parte do século XX o bumba-meu-boi foi perseguido no Maranhão. Proibido de circular no perímetro urbano e pelas ruas do centro de São Luís, ficava restrito às áreas periféricas da cidade. Como demonstra o

autor, a situação tinha apoio da imprensa local. A edição do jornal *A Tarde*, de 30 de junho de 1915, trazia crítica a boi que percorreu ruas importantes da capital maranhense (p. 6). Em Parnaíba, era necessária a obtenção de licença do Delegado de Polícia para percorrer as ruas da cidade. Segundo Santos (2019), o representante do boi apresentava-se, fornecia seus dados pessoais (nome, endereço, nome do grupo e número de brincantes) e recebia documento que autorizava a atividade (p. 49). Em meados dos anos 1980 a requisição de licença deixou de ser obrigatória. O fim da exigência é um dos principais aspectos apontados pelos artistas ao mencionarem mudanças na atividade dos grupos. A nota da Prefeitura de Parnaíba sugere a descentralização das apresentações de quadrilhas e bois, mas, especialmente pelo caráter de determinação, nos remete ao projeto de manter a cultura popular como periférica.

Oswaldo Meira Trigueiro em *A espetacularização das culturas populares ou produtos culturais folkmediáticos* (2005) discute o que chama de *espetacularização* da cultura popular e define certas manifestações artístico-culturais como *espetacularizadas*. A Prefeitura de Parnaíba associa as modificações promovidas pelos artistas do bumba-meu-boi à ideia de *estilização*. A Nota transcrita sugere que as mudanças seriam degeneração da manifestação cultural tantas vezes considerada “autenticamente parnaibana e piauiense”. *Estilização* é, portanto, referência da gestão municipal para valorar negativamente as renovações estéticas realizadas pelos artistas. Os bois *estilizados*, contra os quais “não se tem nada contra”, são os que colocam, por exemplo, personagens tradicionais do bumba-meu-boi para cantar e dançar canções em homenagem a Roberto Carlos⁷. Incorporam músicas do boi-bumbá de Parintins e adaptam para o contexto do litoral piauiense. Ocupam uma grande arena com milhares de espectadores em arquibancadas, gerando novas relações espaciais com o público. Antes, em apresentações nas ruas, as pessoas estavam no mesmo nível dos artistas. A arena confere ao bumba-meu-boi um

7 Faço referência à apresentação do boi *Flor do Lírio*, que em 2016 homenageou Roberto Carlos.

caráter de desfile, com arquibancadas de ambos os lados. A criação desse espaço é ainda um catalisador das renovações estéticas do bumba-meu-boi, uma vez que batalhões de quase duzentas pessoas passaram a ser formados para ocupar o *quadrihódromo*.

Pedrazani (2010) identifica o que chama de processo de espetacularização como resultado da pressão de empresas de turismo e do Estado (p. 190), como se os grupos de cultura popular não tivessem agência sobre sua atividade. Não quer dizer que o bumba-meu-boi esteja fora do jogo político e de forças do capital, pois muitas vezes é pressionado pelas demandas do poder público, de empresários e de nós, pesquisadores de cultura popular. Pereira (2011), por exemplo, aborda o *Encontro de Bois* e o *Festival de Toadas*, eventos de Teresina. Segundo o autor, as políticas culturais do Estado estão em negociação constante com os bois. Os próprios eventos citados seriam legitimados pelo Estado, mas teriam surgido de demandas das camadas populares (p. 124).

Como venho mostrando, as ações e regulamentações do poder público quanto ao *Concurso de bois* interferem profundamente na atividade dos artistas populares. Em 2017, as mudanças no formato do *São João da Parnaíba* foram radicais e seus efeitos permanecem. Ainda que em diferentes dimensões, ações do Estado por meio das instâncias gestoras da cultura são frequentes e não exclusividade do exercício de 2017. Santos (2019) comenta a relação da Prefeitura com os grupos de bumba-meu-boi. O autor escreve que quando foi secretário de cultura tentou convencer os artistas a tornar o uso do instrumento roncadeira obrigatório e quesito de julgamento. No entanto, os “Donos-de-Boi, depois de muita análise, decidiram que não entrasse como Quesito pois ia obrigar todos os Bois a terem Roncadeira” (2019, p. 38). Concluo a partir da negativa dos grupos de acatar a proposta do gestor cultural que pretendia propor nova obrigatoriedade: (1) as tensões entre Estado e artistas populares se dão em mão dupla, ainda que de forma assimétrica e com forças desiguais; (2) não se deve falar de poder público ou gestão cultural como algo homogêneo, pois são possíveis diferentes aberturas para

os interesses e anseios dos artistas, como no caso em questão, em que ideia do secretário foi declinada pelos brincantes.

O Regulamento do *Concurso de Bois*

O boicote ao XVII *São João da Parnaíba* não foi exclusividade da edição. Em 2014, a *Sociedade de Bois*⁸ recomendou que os grupos não participassem das festas juninas pela dificuldade de negociação com a gestão municipal (ABRÃO, 2010, p. 8). Analisei o *Regulamento do Concurso de Bumba-Meu-Boi* de 2017. Percebi que várias características da atividade dos grupos de bumba-meu-boi são incorporadas como sugestões ou determinações oficiais. Comentei o documento a partir de alguns itens.

Artigo 1: “Incentivar os brincantes parnaibanos a apresentarem seus Bois todos os anos fazendo com que o folguedo permaneça vivo, (...), revivendo figuras da catrevagem que muitos grupos de bois esqueceram, mantendo a história da morte do Boi” (PARNAÍBA, 2017, p. 1). O objetivo do concurso é definido logo de início e o documento indica a necessidade de que os artistas encenem a narrativa de morte e ressurreição do boi. Ainda assim, às vezes a história conhecida como “auto do boi” não é representada. O documento indica até personagens que devem estar presentes. A catrevagem é formada por papéis cômicos, tanto humanos, quanto fantásticos: Pai Francisco, Catirina, Doutor Cazumbá, Folharal e Burrinha.

Artigo 8: “Os grupos não poderão utilizar, distribuir ou apresentarem-se com qualquer tipo de ‘merchandising com conotação política partidária’. Parágrafo Único: Será penalizado com a perda de 02 (dois) pontos o grupo de boi que deixar de cumprir este artigo” (2017, p. 2). O artigo reconhece aquela que é a prática de políticos (vereadores/as, deputados/as ou presidente de federação industrial) patrocinarem os grupos. Os líderes não possuem relação

8 Criada em 2006, a Sociedade teve Benjamim Santos como o primeiro presidente. Em 2008, João Batista Dos Santos Filho o substituiu e Acrísio assumiu a vice-presidência.

orgânica com a cultura popular, mas têm interesse em se beneficiar eleitoralmente. O *Estrela Cadente*⁹ foi um dos bois que não desistiu de participar do *São João da Parnaíba*, em 2017. O grupo manteve em suas redes sociais a divulgação dos que seriam os feitos do novo gestor municipal e de sua família de ex-governadores, deputados e deputadas. Associar-se a quadrilha junina ou grupo de bumba-meu-boi pode contribuir para a imagem do político ou candidato que deseja ser visto pela sociedade como alguém próximo da cultura popular. Na prática, o objetivo, em geral, é beneficiar-se eleitoralmente. Como não podem, os grupos não se referem a nomes de políticos nas apresentações, mas o fazem em outras ocasiões: por exemplo, em redes sociais.



Figura 3 - Grupo *Estrela Cadente* agradece apoio de então deputada estadual e parabeniza o Prefeito de Parnaíba, ambos familiares. Fonte: redes sociais do *Estrela Cadente*.

Artigo 11: “Os quesitos a serem julgados serão os seguintes: Harmonia, Figurino, Dança, Evolução, Toque de Tambor, Toada,

⁹ O *Estrela Cadente* fica localizado no bairro Joaz Souza e é presidido por Roberto William. Fundado em 2006, os integrantes participam anualmente do *Concurso de Bois do São João da Parnaíba* e realizam a morte do boi, evento em que percorrem as ruas do bairro. Em 2019, o grupo ficou em segundo lugar na competição e o boi mirim conseguiu a primeira colocação. No momento, em razão da pandemia de Covid19, o grupo promove em suas redes sociais transmissões ao vivo de conversas com amos, repentistas, índias, pajés e a porta-estandarte do grupo.

Canto, Amo, Catreragem e Boi” (2017, p. 2). Os critérios de avaliação do *Concurso de Bois* são definidos previamente pela Prefeitura. Assim, os grupos criam suas apresentações pautados nos quesitos.

Artigo 14: “O Batalhão de cada Boi deve ter 26 brincantes, no mínimo, não havendo limite máximo” (2017, p. 3). O número de integrantes dos grupos não é fixo, mas alguns artistas acreditam que um batalhão precisa ter, no mínimo, 26 pessoas. Os bois, no geral, têm muito mais que essa quantidade de membros. Segundo Santos (2019), o *Igaraçu*, grupo presidido por Bandeira¹⁰, era um dos únicos a não se apresentar com mais de 26 brincantes (p. 98). O Regulamento incorpora uma tradição do bumba-meu-boi e transforma em regra, determinação. Por outro lado, nos últimos anos, os primeiros colocados no concurso do *São João da Parnaíba* foram grupos que lotaram a arena do *quadrilhódromo* com cerca de duzentos homens e mulheres dançando e cantando.

Artigo 15: “A Catirina deve ser representada por um brincante masculino vestido de mulher. O Boi que trazer a Catirina representada por uma mulher perderá 01 (um) ponto” (2017, p. 3). A personagem Catirina é tradicionalmente interpretada por homem travestido. Muitos artistas acreditam que mulheres não devem interpretá-la, pois o efeito de comicidade da personagem estaria justamente no travestimento. O documento, mais uma vez, insere algo que é prática dos artistas populares, mas torna obrigatório, já que a encenação da Catirina por mulher levaria à perda de pontuação.

Artigo 17: “Os instrumentos essenciais e tradicionais do Boi parnaibano são os Tambores, a Roncadeira, o Maracá e o Apito de Marcação. (...) Outros instrumentos não entrarão em julgamento e, portanto, não serão levados em consideração para a pontuação” (2017, p. 3). Alguns direcionamentos do regulamento são bastante

10 Em Parnaíba, Raimundo Bandeira era um dos brincantes que participava do bumba-meu-boi há mais tempo. Comandava o *Igaraçu*, ao lado de Socorro, sua esposa. Fundado em 1981, a sede do grupo fica no bairro Piauí. O boi é considerado um dos mais antigos de Parnaíba. Em 2018, Bandeira recebeu da Prefeitura a Medalha do Mérito Municipal pela contribuição ao setor cultural da cidade. Com 83 anos, faleceu em 30 de agosto de 2019.

assertivos, pois agir em sentido contrário significa perder pontos. Outros são mais indiretos. O item define dois tipos de instrumentos: os “essenciais/tradicionais” e os que “nem entram no julgamento”. É compreensível que os artistas priorizem o uso dos primeiros. Cafuringa¹¹ (2017) relatou que o grupo *Rei da Boiada* já utilizou instrumentos de corda, pelo que foi criticado pelos jurados e parte do público. Batista, o presidente, decidiu deixar de usá-los, já que nenhum outro boi teria aderido à inovação. Cafuringa afirmou que os grupos são proibidos de utilizar instrumentos de sopro no *Concurso de Bois*. No entanto, não há essa determinação no regulamento. Questionei-o sobre a razão do veto, que respondeu: “É que na minha tradição, é porque na época em que os bois foram fundados não existiam esses instrumentos, tudo era escravo, eram os negros. (...) Tambor de índios, essas coisas, tambor de crioulo. Criação deles mesmos, eu acho...” (FERREIRA, 2017). Lucia Aguiar confirmou a versão de que os instrumentos de sopro seriam proibidos no concurso.

Artigo 23: “Confusão dentro ou nas proximidades do evento ocasionada por participantes, será averiguada pela Superintendência Municipal de Cultura, sendo passível de perda de pontuação ou desclassificação dos grupos envolvidos” (2017, p. 3). Os relatos dos entrevistados, livros de viajantes e de memórias sobre o tema convergem quanto ao assunto. Quando dois grupos contrários se encontravam nas noites dos festejos juninos em alguma rua de Parnaíba, havia grande probabilidade de acontecerem brigas. João Rodrigues (2017) comentou a vez em que seu grupo cruzou com outro pelas ruas do município: “Eu, por exemplo, uma vez fui agredido na Parnaíba [...] Aquele tipo de povo que são provo-

11 José do Nascimento Ferreira, conhecido como Cafuringa, é artesão, carnavalesco, atua no Carnaval e no bumba-meu-boi. Fabrica os bois de praticamente todos os grupos da cidade. É presidente da Escola de Samba *Império do Cais*, localizada no bairro São José e fundada em 1997. O nome é resultado da mistura entre a *Império Serrano*, do Rio de Janeiro, com o *cais*, menção à sede da escola, praticamente às margens do Rio Parnaíba. Cafuringa suspendeu as atividades da Escola por estar atualmente trabalhando na Superintendência de Cultura de Parnaíba.

cantes e os bichos estão tudo cheio da malvada, começaram com palavrões, querendo invadir a brincadeira, vindo para atrapalhar” (RODRIGUES, 2017). Assim, o regulamento incorpora até problemática histórica do bumba-meu-boi na cidade, conferindo uma lógica punitiva.

Não defendo que a atuação do Estado junto a grupos de cultura popular, como o bumba-meu-boi, é ilegítima. Pelo contrário, a meu ver, é responsabilidade do poder público propiciar que os artistas tenham condições adequadas de se manter e de realizar suas apresentações, sem ficar endividados. O grupo *Novo Fazendinha*, que a partir das mudanças arbitrárias no formato do *São João da Parnaíba* passou a não participar do festival, ainda possui dívidas no comércio de Parnaíba pela compra de adereços para a última vez em que se apresentou. Em 2016, o *Novo Fazendinha* foi o primeiro colocado no *Concurso de bois*. Por outro lado, ao partir de caso específico (a reação de grupos de bumba-meu-boi em Parnaíba), abordei como o poder público através de suas ações e regulações interage com artistas populares, seja em mudança radical no formato de festa popular ou em regulamento que define como os grupos devem proceder quanto a instrumentos, personagens, número de integrantes. O caminho mais razoável parece ser o do exemplo de Benjamim Santos quanto à não inclusão do instrumento roncadeira como quesito de julgamento: ouvir os artistas populares e respeitar suas visões sobre o bumba-meu-boi, pois são eles que fazem de Parnaíba espaço de festa durante o mês de junho.

Referências

- ABRÃO, Calil Felipe Zacarias. Tradição ou tradições: o bumba-meu-boi no Norte do Piauí. In: I Encontro internacional história, memória, oralidade e culturas do mestrado acadêmico em história (MAHIS). *Anais do I Encontro Internacional História, Memória, Oralidade e Culturas do Mestrado Acadêmico em História* (MAHIS). Fortaleza: 2010. p. 1-13.
- AGUIAR, Lucia. *Entrevista concedida a Wesley Fontenele*. Parnaíba, 21. abr. 2017.
- ALBERNAZ, Lady Selma Ferreira. Estéticas e disputas em torno do bumba-meu-boi. *Revista Antropológicas*. Recife, v. 21, p. 77-97, 2010.
- BORRALHO, Tácito. Os elementos animados do bumba-meu-boi do Maranhão. *Móin-Móin - Revista de Estudos sobre Teatro de Formas Animadas*, Jaraguá do Sul, n. 2, p. 159-178, 2006.
- FERREIRA, Jose do Nascimento (Cafuringa). *Entrevista concedida a Wesley Fontenele*. Parnaíba, 20. abr. 2017.
- FONTENELE, Wesley. *Bumba-meu-boi no palco e na festa: Teatro e Cultura Popular no Piauí*. Teresina: EDUFPI, 2020. (No prelo)
- PARNAÍBA. Prefeitura Municipal. *Regulamento do Concurso de Bumba-Meu-Boi de 2016*. Disponível em: <<http://parnaiba.pi.gov.br/phb/abertas-as-inscricoes-para-os-concursos-de-quadrilha-e-bumba-meu-boi-sao-joao-da-parnaiba/>>. Acesso em: 20 ago. 2017.
- PARNAÍBA. Prefeitura Municipal. *Regulamento do Concurso de Bumba-Meu-Boi de 2017*, publicado no Diário Oficial de 24 de maio de 2017. Disponível em: <<http://parnaiba.pi.gov.br/phb/?wpdmact=process&did=MTEzNC5ob3Rsa-W5r>>. Acesso em: 20 ago. 2017.

PARNAÍBA. Prefeitura Municipal. *Nota de esclarecimento a respeito do São João da Parnaíba 2017*. Disponível em: <<http://www.culturaparnaiba.com.br/2017/05/nota-de-esclarecimento-respeito-do-sao.html>>. Acesso em: 20 ago. 2017.

PEDRAZANI, Viviane. *No “miolo” da festa: um estudo sobre o bumba-meu-boi do Piauí*. Tese (Doutorado em História Social) - Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2010.

PEREIRA, Francisco da Silva. *BUMBA, MEU BOI!* (Cultura popular e a política cultural de eventos em Teresina-PI: encontros e desencontros na arena pública da festa). Dissertação (Mestrado em Políticas Públicas) - Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2011.

PERINOTTO, André Riani Costa; SOUSA, Joseane da Conceição. São João da Parnaíba: a demanda do evento sob a ótica do turismo. *Revista Iberoamericana de Turismo* – RITUR, Penedo, v. 5, n.1, p. 91-113, 2015.

RODRIGUES, João. *Entrevista concedida a Wesley Fontenele*. Parnaíba, 24. abr. 2017.

SANTOS, Benjamim. *Veredas da meia-lua: o boi de São João da Parnaíba*. Teresina: Halley, 2019.

_____, Benjamim. O tempo e os bois. *O Bembém*. Parnaíba, jun. 2017.